

Sociedade, Multiculturalismo e Direitos (SMD)

Aula 05: O Breve Século XX

Prof. Dr. Gustavo Menon

Objetivos



- Destacar os nacionalismos e as duas guerras mundiais durante o século XX;
- Pontuar a ascensão das novas tecnologias no contexto da Guerra Fria e, ao mesmo tempo, sinalizar para os seus impactos nas sociedades contemporâneas.

Bibliografia



Leitura base:

- HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos – o breve século XX (1914–1991). São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

Bibliografia complementar:

- SANTIOS, Milton. Por uma outra globalização. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2011.
- CASTELLS. Manuel. A Sociedade em Rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.



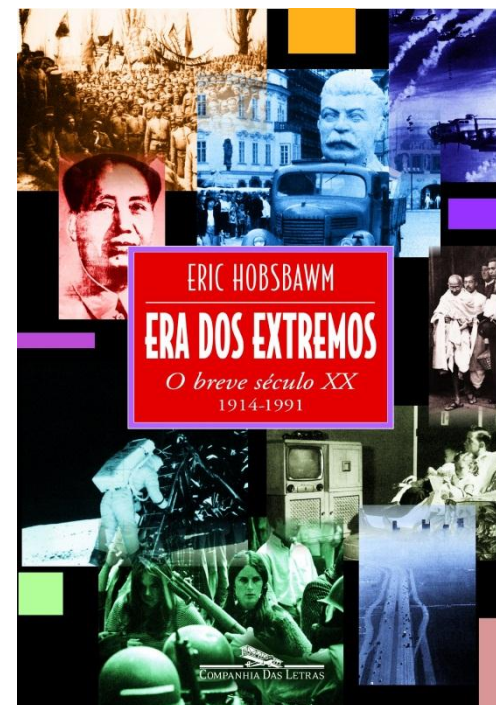
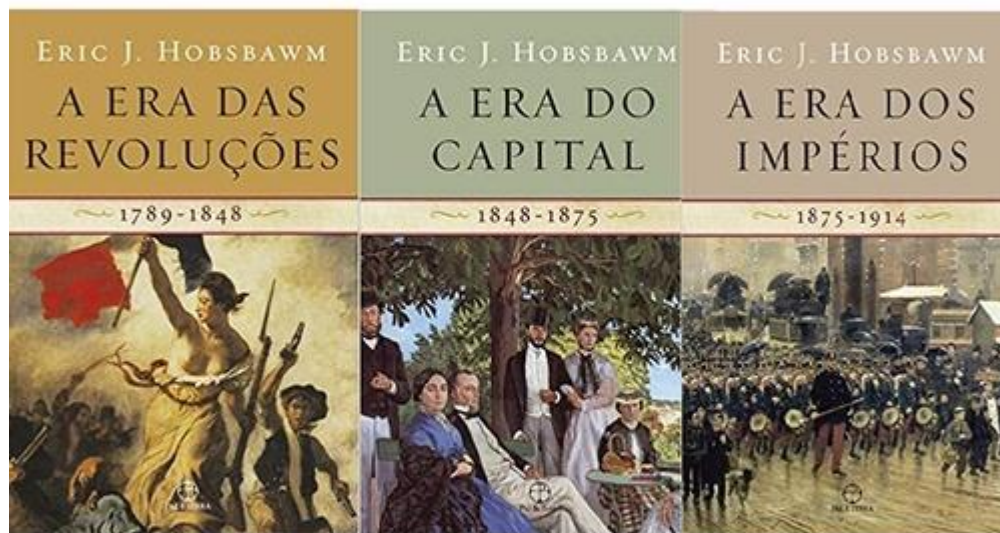
Eric Hobsbawm (1917-2012)



- Historiador inglês;
- Escola: Marxismo;
- Formação: Universidade de Cambridge,
King's College;
- Membro do Partido Comunista Britânico.



Contexto da obra



Estrutura



- **Parte Um: A Era da Catástrofe**

1. A era da guerra total
2. A revolução mundial
3. Rumo ao abismo econômico
4. A queda do liberalismo
5. Contra o inimigo comum
6. As artes 1914-45
7. O fim dos impérios

- **Parte Dois: A Era de Ouro**

8. Guerra Fria

9. Os anos dourados
10. Revolução social
11. Revolução cultural
12. O Terceiro Mundo
13. “Socialismo real”

- **Parte Três: O Desmoronamento**

14. As Décadas de Crise
15. Terceiro Mundo e revolução
16. Fim do socialismo
17. Morre a vanguarda: as artes após 1950
18. Feiticeiros e aprendizes: as ciências naturais
19. Rumo ao milênio.

Abertura

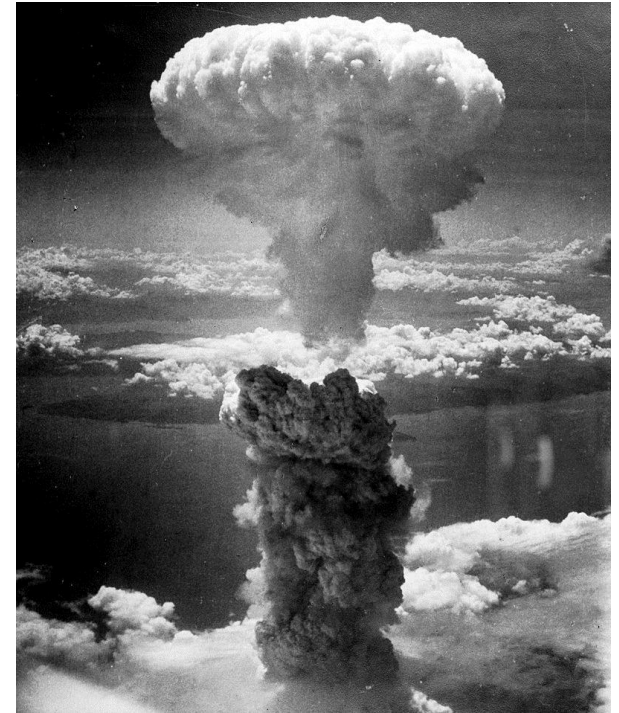


Contudo, como talvez os historiadores queiram lembrar aos especuladores metafísicos do “Fim da História”, haverá um futuro. A única generalização cem por cento segura sobre a história é aquela que diz que enquanto houver raça humana haverá história (HOBBSAWM, 1995, p. 14).

A era da catástrofe



- Primeira Guerra (Questão dos impérios).
- Crise de 1929;
- Nacionalismos e Segunda Guerra.
- Século da barbárie.



Guerra Fria



- Mundo bipolarizado?
- **A peculiaridade da Guerra Fria era a de que, em termos objetivos, não existia perigo iminente de guerra mundial. Mais que isso: apesar da retórica apocalíptica de ambos os lados, mas sobretudo do lado americano, os governos das duas superpotências aceitaram a distribuição global de forças no fim da Segunda Guerra Mundial, que equivalia a um equilíbrio de poder desigual mas não contestado em sua essência. A URSS controlava uma parte do globo, ou sobre ela exercia predominante influência — a zona ocupada pelo Exército Vermelho e/ou outras Forças Armadas comunistas no término da guerra — e não tentava ampliá-la com o uso de força militar. Os EUA exerciam controle e predominância sobre o resto do mundo capitalista, além do hemisfério norte e oceanos, assumindo o que restava da velha hegemonia imperial das antigas potências coloniais. Em troca, não intervinha na zona aceita de hegemonia soviética (HOBBSAWN, 1995, p. 179).**

A política de contenção



- Ao menos, duas fases:
 - Era dourada: até 1970;
 - Crises, Revolução e Contrarrevolução.
- Sem dúvida Stalin, como comunista, acreditava que o capitalismo seria inevitavelmente substituído pelo comunismo, e nessa medida qualquer coexistência dos dois sistemas não seria permanente. Contudo, os planejadores soviéticos não viam o capitalismo em crise no fim da Segunda Guerra Mundial. Não tinham dúvida de que ele continuaria por um longo tempo sob a hegemonia dos EUA, cuja riqueza e poder, enormemente aumentados, eram simplesmente óbvios demais (Loth, 1988, pp. 36-7). Isso, na verdade, era o que a URSS suspeitava e receava. Sua postura básica após a guerra não era agressiva, mas defensiva (HOBSBAWN, 1995, p. 183).

Questão militar



- a União Soviética desmobilizou suas tropas — sua maior vantagem militar — quase tão rapidamente quanto os EUA, reduzindo a força do Exército Vermelho de um pico de quase 12 milhões, em 1945, Para 3 milhões em fins de 1948 (HOBBSAWN, 1995, p. 183).

Complexo industrial-militar e economia



- As duas superpotências estenderam e distorceram demais suas economias com uma corrida armamentista maciça e muito dispendiosa, mas o sistema capitalista mundial podia absorver os 3 trilhões de dólares de dívida — essencialmente para gastos militares — a que chegaram, na década de 1980, os EUA, até então o maior Estado credor do mundo. Não havia ninguém, interna ou externamente, para absorver a tensão equivalente dos gastos soviéticos, que, de qualquer modo, representavam uma proporção muito maior da produção soviética — talvez um quarto — que os 7% do titânico PIB americano destinados às despesas de guerra em meados da década de 1980 (HOBSBAWM, 1995, p. 196).
- **Quanto à tecnologia, como a superioridade ocidental crescia quase exponencialmente, não havia disputa. Em suma, a Guerra Fria, desde o começo, foi uma guerra de desiguais (HOBSBAWM, 1995, p. 196).**

Final da Guerra Fria e globalização neoliberal



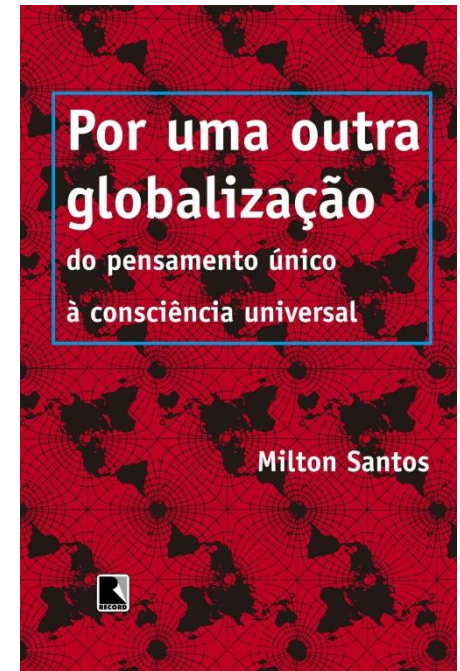
- A histeria em Washington não se baseava, claro, num raciocínio realista. Em termos reais, o poder americano, ao contrário de seu prestígio, continuava decisivamente maior que o soviético. Quanto às economias e tecnologias dos dois campos, a superioridade ocidental (e japonesa) superava qualquer cálculo. Os soviéticos, rudes e inflexíveis, podiam com esforços titânicos ter construído a melhor economia da década de 1980 em qualquer parte do mundo (para citar Jowitt, 1991, p. 78), mas de que adiantava à URSS o fato de que em meados da década de 1980 ela produzia 80% mais aço, duas vezes mais ferrogusa e cinco vezes mais tratores que os EUA, quando não se adaptara a uma economia que dependia de silício e software (HOBSBAWM, 1994, p. 196)?
- Questão tecnológica. Economia informacional (CASTELLS, 1999).



Milton Santos



- Na sua obra, o geógrafo brasileiro abordou a globalização a partir de um ponto de vista crítico. Analisando aspectos econômicos e geográficos da globalização contemporânea, Milton Santos problematizou o papel das empresas multinacionais na internacionalização do capital. Teorizou e criticou a globalização neoliberal, incentivando a configuração de uma outra globalização.
1. Globalização como fábula;
 2. Globalização como perversidade;
 3. Globalização como possibilidade.



Considerações Finais



Neste mundo globalizado, a competitividade, o consumo, a confusão dos espíritos constituem baluartes do presente estado das coisas. A competitividade comanda nossas formas de ação. O consumo comanda nossas formas de inação. E a confusão dos espíritos impede o nosso entendimento do mundo, do país, do lugar, da sociedade e de cada um de nós mesmos (SANTOS, 2011, p. 34).

